**Diferenças de gênero em uma igreja evangélica de Manaus-AM**

**Resumo:** Este trabalho é resultado da disciplina Antropologia das Relações de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas e de um recorte de resultados de pesquisa exploratória sobre práticas religiosas de igrejas evangélicas na Amazônia Contemporânea. A partir da bibliografia utilizada na disciplina mencionada anteriormente, entrevista semiestruturada com dez mulheres evangélicas e observação de algumas práticas religiosas, o presente trabalho tem por objetivo discutir origens sociais e culturais das identidades subjetivas de homens e mulheres em contraposição às justificações de determinação natural; Identificar perfil socioeconômico das mulheres adeptas de uma igreja evangélica em Manaus-AM e os principais desafios enfrentados pelas informantes no cotidiano de suas vidas; e Analisar as práticas religiosas da igreja verificando o papel das mulheres nas referidas práticas, bem como o respectivo reconhecimento ou não de suas atividades. Constatou-se que compreensões equivocadas sobre gênero ainda alimentam preconceito, discriminação e violência na sociedade contemporânea; e Evidenciou-se que existe grande dificuldade no espaço religioso estudado para se pensar a relação de igualdade entre homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Gênero; Mulheres Protestantes; Práticas Religiosas.

**Abstract:** This work is a result of the discipline Anthropology of Gender Relations of the Postgraduate Program in Society and Culture in the Amazon of the Federal University of Amazonas, and a summary of results of exploratory research on religious practices of evangelical churches in the Contemporary Amazon. From the bibliography used in the aforementioned discipline and semi-structured interview with ten evangelical women and observation of some religious practices, the present work aims to discuss social and cultural origins of the subjective identities of men and women as opposed to the justifications of the natural determination of the behaviors of male and female genders; To identify the socioeconomic profile of the female followers of an evangelical church in Manaus-AM and the main challenges faced by informants in their daily lives; and Analyze the religious practices of the church by checking the role of women in these practices and the respective recognition of their activities. It was found that misunderstandings about gender still feed prejudice, discrimination and violence in contemporary society; and It was evidenced that there is great difficulty in the religious space studied to think about the relation of equality between men and women.

**Keywords:** Gender; Protestant Women; Religious Practices.

**Introdução**

As reflexões sobre gênero são historicamente datadas da década de 1968 em um contexto sócio- histórico marcado por manifestações sociais como: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panters, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil (GROSSI, 1996).

Tais manifestações expressavam questionamentos dos sujeitos sociais frente ás desigualdades e injustiças que se verificavam no cotidiano e reivindicavam uma vida melhor, igualdade, justiça. É nesse contexto de lutas "libertárias" que se identifica o momento de surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres perceberam que, embora participassem ativamente dos movimentos em conjunto com os homens, sempre lhes restava papel reduzido e pouco ou nenhum reconhecimento de suas atividades.

Gradualmente, os estudos de gênero ou de relações de gênero vão se organizando, inicialmente, em torno da problemática da condição feminina pensada como um problema genérico e posteriormente a mulher na sociedade de classes com Heleieth Saffioti que em 1960 evidenciou a opressão da mulher nas sociedades patriarcais.

No Brasil, embora as ciências sociais tenham se empenhado a estudar e informar sobre a opressão de gênero identificada contra mulheres, homossexuais e de outras orientações, bem como os aspectos prejudiciais da referida opressão para o bem-estar de todos, ainda se constata um cenário escandaloso de violências, preconceitos e discriminações.

Este trabalho é resultado da disciplina Antropologia das Relações de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas e de um recorte de resultados de pesquisa exploratória sobre práticas religiosas de igrejas evangélicas na Amazônia Contemporânea.

A partir da bibliografia utilizada na disciplina Antropologia das Relações de Gênero e entrevista semiestruturada com dez mulheres evangélicas e observação de algumas práticas religiosas, o presente trabalho tem por objetivo discutir origens sociais e culturais das identidades subjetivas de homens e mulheres em contraposição às justificações de determinação natural dos comportamentos subjetivos dos gêneros masculino e feminino; Identificar perfil socioeconômico das mulheres adeptas de uma igreja evangélica em Manaus-AM e os principais desafios enfrentados pelas informantes no cotidiano de suas vidas; e Analisar as práticas religiosas da igreja verificando o papel das mulheres nas referidas práticas e o respectivo reconhecimento ou não de suas atividades.

**Relações de Gênero:** das origens sociais das diferenças

Os tempos modernos são caracterizados por avanços científicos e tecnológicos consideráveis, capazes de enfrentar diversos problemas humanos e proporcionar maior bem-estar para os membros da sociedade moderna. Todavia, o modo de organizar a sociedade através da globalização tem se evidenciado como um processo perverso de integração econômica, social, cultural e política, na qual o progresso técnico é aproveitado por um pequeno número de atores globais em seu benefício exclusivo, produzindo o empobrecimento da maior parte da população (SANTOS, 2000).

É nesse contexto de barbarização da vida, de falta de acesso à educação, segurança, saúde e de outros bens e serviços essenciais para a maior parte da população que se situam também as questões de gênero. Estas continuam a ser entendidas por grande parte da população brasileira de maneira naturalizada e/ou essencializadas, e não através de análises e reflexões mais adequadas que considerem não somente aspectos biológicos, mas também sociais, culturais, econômicos e políticos.

É comum o entendimento acerca das mulheres e seus papeis sociais fundado somente em suas configurações biológicas, as quais justificariam esses ou aqueles comportamentos mais adequados para o sexo feminino, como ser a dona do lar, cuidar da casa, das crianças, do marido, dentre outros papeis. Ainda, existe fortemente conceitos sobre gênero fundados na religião que concebem o dever da mulher ser subserviente ao seu marido para agradar a Deus.

Compreensões reducionistas sobre gênero ainda prevalecem nos dias contemporâneos, concepções prontas que não permitem pensar o outro, por que o outro desafia os fundamentos daquilo que cremos como o bem para a vida coletiva, o que não permite estar aberto para novas compreensões e até mesmo pensar os próprios fundamentos daquilo que cremos como o mais adequado. É uma tarefa essencial que exige reflexão e responsabilidade para conosco mesmo, bem como com o conjunto da sociedade.

Cumpre-nos munir das ferramentas de entendimento da diversidade humana por intermédio da Antropologia e de outras ciências humanas para pensarmos as relações de gênero. É nesse sentido que discorreremos neste item sobre os conceitos de gênero, papeis de gênero, identidade de gênero e sexualidade.

Os estudos de gênero no Brasil iniciam por volta de 1980 tratando sobre as mulheres e a condição feminina no Brasil, as inúmeras diferenças, não apenas de classe, mas também regionais, de classes etárias, de ethos. Entretanto, sobressaindo-se a referência biológica das mulheres, “a de que todas as mulheres, independente de sua condição social, se reconhecem pela morfologia do sexo feminino (vagina, útero, seios)” (GROSSI, 1996, p. 03). Frente a tal morfologia biológica unânime entre as mulheres, os estudos de gênero passam a problematizar a determinação biológica da "condição feminina”.

Os estudos de gênero foram formulados por pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria "gender" para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (GROSSI, 1996). A reflexão sobre gênero identifica, então, que as representações de homens e mulheres não são dadas naturalmente, mas construídas historicamente a partir das relações sociais.

O que determina comportamentos de homens e mulheres, seus respectivos papeis e identidades pessoais não encontra fundamento único na determinação biológica, mas originariamente nas relações sociais estabelecidas em dada cultura nos determinados momentos históricos. Assim uma compreensão de gênero baseada na ordem natural não passa de uma formulação ideológica intencionalmente elaborada para justificar desiguais comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade.

Ao discorrer sobre gênero e diferenças sexuais Scott (1998) sustenta o seguinte entendimento:

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15 ).

Verifica-se que o gênero é pensado a partir da relação entre homens e mulheres, ou seja, criado a partir de relações humanas coletivas. Não se baseia somente na diferença entre macho e fêmea em termos de aspectos biológicos, mas considera a construção do sentido das diferenças existentes. Desta forma, o estudo de gênero se refere aquilo é social, cultural e historicamente determinado e que está em constante transformação (GROSSI, 1996).

Os papeis de gênero são entendidos como “tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura” (GROSSI, 1996, p. 06). Existem tarefas, virtudes e fraquezas aceitáveis ou não de homens e mulheres em uma determinada sociedade. Os papéis associados a machos e a fêmeas mudam de uma cultura para outra, bem como no interior de uma mesma cultura.

É possível constatar que os papeis associados a homens e mulheres na sociedade moderna são construídos de maneira desigual, desde as atividades no âmbito doméstico, onde socialmente ainda se entende a mulher como responsável pela maior parte do trabalho, quanto no espaço público no que se refere aos direitos humanos de igualdade, liberdade e segurança. É imperativo o avanço da produção e divulgação dos estudos de gênero para enfrentar opressões e perversidades fundadas em concepções de gênero reducionistas que ainda se identificam na modernidade.

A identidade de gênero se refere a um conceito mais complexo, refletindo significado de constituição de sentimento individual de identidade. Conforme Stoller (1978 apud GROSSI, 1996), todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino.

A identidade de gênero expressa o gênero com que a pessoa se identifica, podendo se perceber como homem, mulher, ambos gêneros ou mesmo com nenhum dos dois gêneros, no caso dos chamados não binários. A identidade de gênero é então subjetiva, se refere a como a pessoa se identifica dentro dos padrões de gênero estabelecidos socialmente. Registra-se ainda, que a identidade de gênero difere da orientação sexual a qual se refere ao sentimento pessoal referente à afetividade e sexualidade.

A compreensão da sexualidade contribui para melhor entendimento da identidade de gênero. Na sociedade ocidental a sexualidade é constantemente associada ao sexo, então os indivíduos que mantêm relações sexuais e/ou afetivas com outros do mesmo sexo como os homossexuais, têm sua sexualidade identificada como doença, ou anormalidade.

Cumpre destacar que as práticas sexuais são também culturalmente determinadas. Para a maior parte das pessoas na cultura ocidental, a heterossexualidade, ou seja, a atração erótica de indivíduos de um sexo pelo de outro, é um algo “instintivo” da espécie humana em vistas da sua autoperpetuação pela reprodução (GROSSI, 1996). Todavia, ao se empreender uma análise mais detalhada da sexualidade associada tanto ao sexo quanto à reprodução pode-se verificar seu aspecto cultural e histórico.

Pode-se citar as tecnologias de reprodução que dispensam o intercurso sexual entre um homem e uma mulher para a reprodução, desconstruindo a noção de sexualidade associada à reprodução. Com relação às práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo tem se verificado que em inúmeras culturas do planeta, as referidas relações são vividas e experimentadas como possíveis e não “anormais”.

A antropologia possibilita reflexões importantes sobre sexo, gênero e sexualidade sustentando o caráter originariamente social dos referidos comportamentos humanos. Tal contribuição se apresenta como relevante e que certamente pode enfrentar equívocos que fundamentam opressões e mal-estar social. O próximo item se propõe a discorrer sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira, seu possível significado e formas de enfrentamento da violação dos direitos humanos das mulheres.

**Diferenças de Gênero em uma Igreja Evangélica de Manaus-AM**

Os dados trabalhados neste item correspondem a um recorte de dados exploratórios do projeto de pesquisa sobre práticas religiosas de igrejas evangélicas na Amazônia Contemporânea. Dedica-se a identificar o perfil socioeconômico das mulheres adeptas de uma igreja evangélica em Manaus-AM, verificando os principais desafios enfrentados pelas informantes no cotidiano de suas vidas; e Analisar as práticas religiosas da igreja situando o papel das mulheres nas referidas práticas e o respectivo reconhecimento ou não de suas atividades.

A pesquisa foi realizada em uma igreja evangélica pentecostal da zona norte de Manaus, capital do Estado do Amazonas, constituiu-se por intermédio de observação das práticas religiosas por um período de trinta dias e de realização de entrevistas semiestruturada com dez mulheres adeptas da religião, as quais se dispuseram a participar da pesquisa.

Os dados da pesquisa exploratória delineiam perfil socioeconômico das mulheres informantes de acordo a tabela 01.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Variáveis | N | N | % |
| Idade | **10** |  |  |
| 20 a 40 anos |  | 04 | 40 |
| 41 a 76 anos |  | 06 | 60 |
| Sexo | **10** |  |  |
| Feminino |  | 10 | 100 |
| Estado Civil | **10** |  |  |
| Solteiro (a) |  | 0 | 0 |
| Viúvo (a) |  | 01 | 10 |
| Casado (a) |  | 09 | 90 |
| Trabalho | **10** |  |  |
| Trabalho Formal |  | 02 | 20 |
| Trabalho Informal |  | 04 | 40 |
| Aposentado |  | 04 | 40 |
| Renda Mensal | **10** |  |  |
| R$ 600,00 a 850,00 |  | 04 | 40 |
| R$ 937,00 |  | 04 | 40 |
| R$ 7.000,00 |  | 02 | 20 |

**Tabela 01:** Perfil Socioeconômico

**Fonte:** Pesquisa, 2017-Manaus-Amazonas-Brasil.

A idade das informantes varia de 20 a 76 anos, sendo predominante a idade de 41 a 76 anos, caracterizando mulheres experimentadas no enfrentamento das contradições da existência, cuja síntese da vida foi encontrada nas respostas dadas pela religião, ou seja, a religião se constituiu para essas mulheres como a forma mais acessível de explicar e experimentar o mundo, em um local onde o acesso às políticas públicas de educação, saúde, segurança, assistência e previdência social se dá de forma precária por intermédio das instituições públicas.

A presença do sexo feminino na igreja evangélica se expressa de maneira considerável, onde se pode constatar a maior participação das mulheres nas práticas religiosas. As mulheres e sua prole são as que mais se fazem presentes nos cultos, nas escolas bíblicas dominicais, e consagrações. Provavelmente, diante de uma sociedade configurada pela prática de violências contra mulheres, as quais se situam dentro de um quadro geral de desigualdade e discriminações de gênero, as informantes, as quais estão em maior número nas práticas religiosas observadas, recorrem à religião em busca de alívio para os sofrimentos vivenciados e esperança por futuro melhor.

Esses dados coadunam com os registros do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os quais demonstram que as mulheres são maioria entre os fiéis de todas as denominações evangélicas brasileiras somando ao todo mais de 23 milhões de evangélicas no Brasil.

As informantes declaram que o acesso à renda é obtido em menor proporção através do trabalho formal, e em maioria pelo trabalho informal e aposentadoria. A renda obtida com trabalho formal é maior, chegando a sete mil reais por mês. Todavia, a maior parte dos membros sobrevive com rendas que variam de quatrocentos a novecentos e trinta e quatro reais, advindas de trabalho informal e aposentadoria.

Identifica-se que a maior parte das mulheres membros da igreja objeto da presente pesquisa, encontram-se em situação vulnerabilidade socioeconômica, entendida como “a marginalidade, a exclusão, a pobreza ou a miséria que atinge um contingente de brasileiros cuja cidadania não é o fundamento legal de garantia e de extensão de direitos básicos” (KOWARICK, 2009, p. 27).

A vulnerabilidade socioeconômica refere-se à situação do indivíduo ou grupos de indivíduos que se encontram à margem dos processos essenciais da sociedade, aqueles que não possuem acesso adequado ou mínimo aos bens e serviços sociais, tais como, emprego formal, serviços de saúde, educação dentre outros.

Registra-se que o Brasil tem experimentado massivos processos de vulnerabilidade socioeconômica e civil (Idem), acompanhados por processos de naturalização e de neutralização dos acontecimentos como mecanismos de acomodação de interesses diversos e atenuação dos possíveis conflitos reveladores da dinâmica social da subcidadania existente.

No caso da naturalização, trata-se de destituir a pobreza de seu significado político e de seu caráter estrutural, ponderando-se sobre a inevitabilidade do curso das coisas e dos acontecimentos no sistema capitalista. Não existem culpados, também não há responsáveis, pois os processos econômicos e sociais em curso seguem inexoráveis seu caminho. No caso da neutralização, trata-se de ativar velhos recursos de sufocamento de qualquer tentativa de desestabilização da ordem atual das coisas por meio de mecanismos de evitação do outro, ou seja, por meio da construção da invisibilidade daqueles que são subalternizados.

Concomitantemente aos processos de vulnerabilidade socioeconômica também se verifica no país o crescimento dos evangélicos cristãos protestantes. Hoje, os evangélicos somam mais 42 milhões, sendo 60% desse total de denominações pentecostais, o grupo que mais cresce no Brasil. Atualmente, os evangélicos são 22% da população do Brasil (IBGE, 2010), e previsões sinalizam que estes, futuramente, poderão ser maioria no país.

Embora se registre a redução da influência cultural da religião e dos poderes religiosos na sociabilidade contemporânea, seja nas instituições, na produção cultural, na universidade, filosofia, ciência, música pop, esferas de entretenimento, na cultura jovem, lazer, prazer sexual, procriação e família, contraditoriamente se verifica um processo de efervescência religiosa.

Flávio Pierucci na obra A Magia (2001) constatou e evidenciou a proliferação de crenças, práticas, religiosidades e religiões mágicas no Brasil, bem como de terapias, literaturas, objetos e cursos esotéricos, New Age (Nova Era), espiritualistas alternativos, holísticos. Atestou também o crescimento de grupos religiosos dispostos a moralizar a vida, fazer proselitismo diuturnamente, a expandir indefinidamente sua visibilidade midiática, seu marketing religioso e sua presença no espaço público.

A população brasileira experimenta efervescência religiosa, correspondendo a uma crescente importância da religião na vida das pessoas. Todavia, Pierucci (1996), sustenta que por mais que se intensifique a adesão e a prática religiosa das pessoas, por mais que novos grupos religiosos e novas igrejas se formem e agitem o campo de combate e conquista, não significa o fim do processo de secularização (p. 258).

O processo contemporâneo de reemergência de movimentos religiosos caracteriza-se, simultaneamente, pela decorrência de um processo de marginalização, subalternização acentuada, proletarização das consciências e, por efeito, por rupturas e descontinuidades da sociedade (GIDDENS, 1991).

É no contexto de uma sociedade problemática e contraditória que reflorescem experiências religiosas, “a religião reivindicou, sempre um lugar e espaço de expressão e articulação de seus fundamentos e princípios. Está sempre onde alguma coisa muito séria anda errada” (FERNANDO, 2014 p. 57).

No que se refere às principais dificuldades vivenciadas pelas mulheres adeptas da religião evangélica se destacam as seguintes falas:

Olha... As tribulações da vida são muitas. Tem preocupações com trabalho, que às vezes você consegue, às vezes não. E quando não consegue você sabe que vai ter dificuldade pra fechar o mês, pagar as contas. Tem preocupação com os filhos que são pequenos e tem que deixar em casa pra trabalhar. Eles ficam meio soltos e é arriscado. E tem também o marido. Meu marido não é evangélico, ele bebe, sai pra rua, chega tarde em casa por isso acontece alguns problemas entre nós. Aqui na igreja o pastor sempre diz pra convidar ele pra igreja, orar por ele pra Jesus salvar a vida dele e lutar pela família (Informante 01, 2017).

A dificuldade maior é no meu lar, eu e meu marido fazemos bicos. Eu de diarista e ele de vendedor de variedades ou pescador, às vezes quando sai pra pescar, temos cinco filhos para sustentar, já passamos muitas necessidades. Em casa já tivemos problemas com os filhos [...] o marido fica desapontado, nervoso, irritado e a gente tem que respirar fundo e tocar a vida pra frente (Informante 09, 2017).

As dificuldades experimentadas pelas informantes no cotidiano de suas vidas estão relacionadas principalmente à condições básicas de reprodução social como emprego e renda e à situações de fragilização dos vínculos familiares evidenciadas principalmente por desentendimentos entre as mulheres com seus maridos por motivos de determinados comportamentos destes últimos para com suas mulheres e devido problemas na educação dos filhos frente aos quais os maridos em alguns casos irritam-se pressupondo que estes ocorrem também por alguma falta de suas mulheres na educação dos filhos .

Identifica-se a sutil ideia das mulheres como únicas responsáveis pelas tarefas de cuidado com filhos que possivelmente expressa a forma como os papéis rígidos de gênero podem ser utilizados para ‘justificar’ violências contra as mulheres, sejam elas psicológicas ou físicas. Observa-se também a orientação dos representantes da igreja sempre no sentido de que as mulheres tenham paciência de enfrentar comportamentos indesejados de seus cônjuges.

Dos problemas sinalizados pelas informantes se percebeu que a maioria deles são sempre causados por comportamento dos homens, cônjuges das mulheres entrevistadas:

Aqui na igreja as irmãs estão sempre reunidas nos trabalhos, cultos, orações. Isso é muito bom, a gente vive a mesma fé, enfrenta os problemas unidas, uma apoiando a outra. Muitas irmãs têm problemas nos seus lares com seus maridos, maridos que não querem acompanhar na igreja, que bebem, são agressivos. Outros maridos que estão na igreja, mas que são irritados, não permitem determinadas coisas para suas mulheres, querem impor as decisões porque dizem que são os cabeças, os líderes da casa e que, portanto eles que governam e que devem tomar as decisões (Informante 05, 2017).

Visualiza-se que os homens na maioria dos casos se percebem investidos de autoridade para tomarem decisões familiares e pessoais com total autonomia sem considerarem a apreciação de suas mulheres, legitimados pelo argumento de que são chefes da família. Certamente se constata no cotidiano das informantes a dominação masculina, que quase sempre se constitui em desigualdades entre homens e mulheres fundamentando a violência que tem integrado de forma íntima, a organização social de gênero vigente na sociedade brasileira (SAFFIOTI, 1994).

A desigualdade de gênero culturalmente legitimada certamente possui influência religiosa. “A sociedade é formada por leis e por preceitos morais profundamente religiosos, por isso, fica difícil separar o fenômeno religioso que subjaz a origem de quase toda sociedade humana” (DURÃES, 2009, p. 05).

Para Campbell (S/D), mitólogo americano de Nova York, os mitos da criação estão divididos em quatro grupos que correspondem às etapas cronológicas da história humana, a saber: na primeira etapa o mundo teria sido criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém; na segunda, por um deus andrógino ou um casal; na terceira um deus macho que ou cria o mundo ao tomar o poder de uma deusa ou através do corpo de uma deusa primordial. E, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho.

Pode-se notar a inversão ocorrida dentre o mito do período da primeira etapa, onde as mulheres eram divinizadas e cultuadas como geradoras da vida, detentoras de sangue considerado fértil para a terra, até o mito em que a mulher levou o homem a pecar e como “castigo” irá parir e seu sangue é considerado como impuro.

Posteriormente, no cristianismo da Idade Média se registra o culto à Mariologia, o culto da Virgem Maria, da função materna idealizada, acompanhada da repressão do papel da feminilidade adulta. Para Durães (2009, p. 6) “suprimia-se a mulher “pecadora” e exaltava-se a virgem, mãe de Jesus, concebida sem pecado”. A pureza estava em ser virgem. O sexo é pecado, a mulher é a fonte do pecado. “Mulher não pode, não deve sentir prazer! (Idem)”.

Nota-se assim que lenta e gradativamente a mulher foi sendo marginalizada até chegar o ponto em que a imagem de Deus é de um ser masculino e onipotente. Portanto, falar das mulheres na sociedade também é falar da influência religiosa que historicamente contribuiu para a construção da dominação dos homens sobre as mulheres.

No que se refere às práticas religiosas encontradas na igreja estudada destacam-se as expressas no quadro 02:

|  |  |
| --- | --- |
| Prática | Objetivo |
| Culto | Adoração à Deus; Comunhão entre os membros; Orações. |
| Consagração | Abstenção de alimento, orações e propósitos específicos. |
| Escola Bíblica Dominical-EBD | Estudo sobre conhecimento religioso. |
| Evangelismo | Levar a doutrina da salvação a não membros. |

**Quadro 02:** Práticas Religiosas

**Fonte:** Pesquisa 2017-Manaus-Amazonas.

Os cultos são realizados pelo ao menos 03 vezes durante a semana com propósito de promover orações e adoração coletiva. Observou-se propósitos da busca por experiências de salvação, de consolo, de bênçãos materiais, vitórias nos problemas do casamento, do emprego e até judiciais. Registraram-se durante os cultos: choros, clamores, em certos momentos, desânimo, por parte da assembleia ali presente, cânticos, glossolalia dentre outras manifestações espirituais.

A consagração ocorre uma vez na semana onde os membros pela manhã se abstêm de alimentos, meditam na doutrina bíblica, fazem orações por propósitos espirituais, emocionais e materiais. A EBD também ocorre uma vez na semana onde o conhecimento religioso é exposto e discutido pelos membros.

O evangelismo é realizado ao menos uma vez por semana, onde os membros percorrem as ruas do bairro batendo de porta em porta, saudando os vizinhos perguntando se creem em Jesus Cristo e se gostariam de saber mais sobre a religião evangélica protestante, lançando convite para participarem dos cultos e estudos.

É a partir destas práticas religiosas que os membros da igreja se identificam num mesmo Deus, problemas e sofrimentos parecidos e mesmo propósito, o de enfrentar uma vida, na maioria das vezes, permeada de contradições, e também de alegrias, na busca de trilhar uma existência com a esperança de um futuro de satisfação plena. Confirma-se o já sinalizado por Durkhein (1912) sobre a religião articular rituais e símbolos, criando entre indivíduos afinidades sentimentais que constituem a base de classificações e representações coletivas, aproximando os indivíduos, multiplicando os contatos entre eles, torna-os mais íntimos e por isso mesmo, o conteúdo de suas consciências se alteram.

Ressalta-se, ainda, Max Weber (2006), o qual já afirmara a relação entre a religião e as mudanças sociais, sendo as concepções religiosas cruciais e originárias das sociedades humanas, que estão sempre à procura de sentido/significado para a existência, e é na religião que se procuram signos de transcendência e de esperança.

No contexto das principais práticas religiosas da igreja evangélica estudada em Manaus- AM o trabalho das mulheres estão presentes nos mínimos detalhes: limpeza, organização geral das atividades cotidianas e festivas, louvores, ministrações de ensinamentos, aconselhamentos, visitas domiciliares dentre outras. Provavelmente, sem o trabalho das mulheres as atividades da Igreja encontrariam grandes dificuldades para se concretizarem.

Todavia, ao se tratar de cargos na hierarquia da igreja constatou-se que em geral se organizam da seguinte maneira: membro, missionário/a, auxiliar geral, diácono/diaconisa, dirigente, pastor. Para as mulheres, ocorre diferenciação na referida hierarquia, o maior cargo a que podem chegar a assumir na igreja é o diaconisa, não podem ser consagradas/ordenadas a pastora. Quando são chamadas de pastoras nem sempre significa que exerçam diretamente a liderança da igreja, geralmente, são esposas de pastores, e que somente por isso podem ser assim identificadas, não há, ainda, o reconhecimento institucional da igreja quanto a possibilidade das mulheres serem investidas no cargo de pastora.

Ao serem indagadas sobre a justificativa para tal impossibilidade, as mulheres declaram: “o que se diz é que Deus quer a mulher no ministério da Igreja, a obra de Deus é grande precisa de muita gente, da mulher também, mas a liderança maior para cuidar do rebanho Deus é do homem (Informante 10, 2017)”. Na maioria das igrejas evangélicas o termo pastora não é aceito. A igualdade de gênero é um desafio, mesmo após 500 anos da Reforma Protestante não se têm problematizado a desigualdade de gênero no âmbito religioso.

Sabe-se que algumas denominações evangélicas ordenam mulheres como pastoras, entretanto ainda é um percentual bastante reduzido de igrejas que estão passando a refletir e enfrentar o tabu da ordenação feminina, todavia acredita-se que o trabalho feminino e a importância deste no espaço religioso podem alcançar transformação positiva na direção do enfrentamento das desigualdades de gênero, somado a isto se tem a dignidade das mulheres que exige nada menos que respeito e reconhecimento.

**Considerações Finais**

Delimitou-se discorrer sobre a construção originariamente social das relações de gênero e da violência contra a mulher pelo fato de que ainda é predominante na sociedade moderna brasileira o fundamento essencialista e naturalista das relações de gênero. A partir das teorias Antropológicas e das outras ciências sociais, tem-se possibilidade de alcançar uma compreensão mais esclarecedora da construção humana não somente das relações de gênero, mas de diversos outros sistemas socialmente organizados como a política, as concepções jurídicas, as ideias artísticas e ideias religiosas.

Observou-se que a busca das mulheres pela religião ocorre num contexto de uma sociedade divida em classes, marcada pela dominação masculina e violência de gênero configurando cenário adequado para a religião ser requisitada como uma resposta imediata para o enfrentamento dos problemas experimentados no cotidiano da existência. Na maioria das vezes, “Dramas e angustias não deixam tempo para aguardar uma resposta mais elaborada: querem que a fome de felicidade, de “salvação”, seja saciada já” (ANTONIAZZI, 1998, p. 13).

Discutiu-se o dogma da não ordenação feminina e do não reconhecimento do protagonismo das mulheres na liderança maior das igrejas, o que se coloca como um desafio tanto para a pesquisa na problematização da questão das diferenças de gênero no âmbito religioso, quanto para as mulheres numa maior reflexão e questionamento quanto ao lugar que a religião lhes reconhece e também para todo conjunto da sociedade que para maior bem-estar de seus membros certamente precisa enfrentar as relações desiguais entre os seus membros.

Acredita-se que a religião pode intervir de forma terapêutica nas mulheres evangélicas, levá-las a um sentimento de suportar os sofrimentos, as dores e os infortúnios, provocados pelos efeitos históricos das desigualdades de gênero, todavia, contraditoriamente podem fazer com que estas evitem a reflexão, questionamento de injustiças de gênero, e o enfrentamento das condições de dominação e violência às quais são submetidas. Por outro lado, pensa-se ser perfeitamente possível que a religião a partir de valores sociais mais adequados contribua para a construção de uma sociedade mais justa e que ofereça dignidade, igualdade e respeito a seus membros independentemente de sua classificação de gênero. Ainda, acredita-se que as mulheres protestantes têm refletido sobre a submissão feminina dentro das igrejas evangélicas e que progressivamente se manifestarão pelo devido reconhecimento no âmbito religioso.

**Referências Bibliográficas**

CONNELL, R. **Gênero e poder**. Stanford: Stanford University, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade.** Santa Catarina: RevistaEstudos Feministas, 1996.

SAFIOTTI, Heleieth I. B. **Violência de gênero no Brasil atual.** RevistasEstudos Feministas, 1994.

DURAES, Jaqueline. **Mulher, Sociedade e Religião**. IN: SANCHES, M. A. (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/

CAMPBELL, JOSEPH. **As Máscaras de Deus:** mitologia oriental. Tradução Carmem Fisher. São Paulo: Editora Palas, [S/D].

ANTONIAZZI, Alberto e outros. **Nem anjos nem demônios:** interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 1986.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

DURKHEIM, Émille. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico da Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1912

IBGE. **Censo Demográfico**, 2010.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco:** sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo, Editora 34, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões.** Relógio D’Água Editores. Abril de 2006.